

VI

Sobre a elisão e outros factos da prosodia

No enunciado da phrase ligam-se as palavras, observando-se a elisão das vogaes.

1. Todas as sortes de **a** em concurrencia produzem o som **a** longo: *está além do rio* (=stãlem do rio); *vá abrir* (=vãbrir); *falta a agua* (=faltãgua).

a+e (quando o **a** não é accentuado) se contraem na phrase em **e**: *toda esta gente*; *inda é cedo* (tod'esta gente, ind'é cedo); *cousa é sabida* (cois'é sabida).

2. **A+o** não se unem em geral: *esta obra* (=estaobra). Mas diz-se: *outr'ora*, *ess'hora*, *aquell'outra*. Parece ser um phenomeno antigo e morto.

3. **A+u** produzem o som **ô**: *passa o tempo* (passôtempo), *seja o que fôr* (sejô-kefôr).

4. **E+a** unem-se: *vire a pagina* (vir'apagina); porém **e+a** não se unem, *a sé antiga* (sé-antiga), dizendo-se, entretanto, *até'li*, *até'gora*.

5. **U+i** unem-se pronunciados distinctamente: *nosso irmão* (nossuirmão). **U+e** fundem-se: *tud'é possível* (e tudo é possível). O **u** (=o) desaparece em *Pedralvares*, *Santiago*, *Portalegre*, *Santamaro*. No seculo XVI o **oo** dobrado sôa como *ou* (F. d'Oliveira, Gr.).

6. **O+i** ou **o+e** mudo conservam a sua prosodia distincta: *pobre homem* (pobri omem), *torre alta* (torri alta). Mas igualmente desaparecem em algumas expressões: *sobr'o mar*, *tard'ô cedo*, *entr'a gente*, *pód'haver*, *ell'usa*, e o plebeismo *nov'horas*. Nos pronomes *me*, *te*, *se*, *lhe*, a elisão é frequente: *vait embora dêm'a chave*.

7. Com a particula *de* ha elisão: *praça d'Elvas*, *villa d'Almeida*. Em *d'esse*, *d'esta*, *d'aqui*, *d'alli*, *d'um*, *d'outro*.

Fóra d'estes casos, o E=I sempre sôa: fazer *di atreviao*, chamar *di orgulhoso*.

8. As particulas *me, te, se, lhe*, em geral, deixam soar, ainda que levemente o *e* final: *te amasse, me arguisse* (e não: *t'amasse*, etc.). Mais claramente na intercalação: *amar-te-ei* (e não: *amar-t'-ei*), *calar-me-ei* (e não: *calar-m'-ei*). A elisão, entretanto, se faz com as palavras complementares *Chegat'aqui; conte-m'a historia; cegou-t'a luz*.

9. *Que; o E+I* sôam geralmente =i= *que idade, que é isso? que era aquillo?* São plebeismos: *qu'idade, qu'isso? sem qu'outro, diz qu'há*, etc.

Segundo Gonçalves Vianna, as elisões do *e* mudo são muito caprichosas: "Lorsque la voyelle initiale du mot suivant est accentuée, la prononciation, la plus commune rejette d'élision". Não se deve, pois, dizer: *qu'é? porq'é que...* etc. (1)

Provincianismos na prosodia portugueza são:

— O som *qu=k*, proprio do Minho: *carenta, carto, canto, caresma*. E por igual *gu=g* em *guardar, guarnecer*.

Não, no Minho, *nu*; em Lisboa, *nã*: *num quero, nã quero*.

— *ch* soava *tx*. Nos seculos passados D. N. Lião comparava-o ao italiano *ce, ci*, e Caetano de Lima ao inglez em *church*. Ainda hoje *ch* e *x* soam *tx* na Beira: *txave, txapéo*.

— Os orthographos até o seculo XVIII (Madureira, Fr. L. do Monte Carmelo) distinguiam o *c* do *s* e tambem differencavam o *x* do *s* entre vogaes. Nota-se ainda essa differença difficil de representar, no Minho e em Traz os Montes.

— Em todo o sul e na parte média do reino, diz G. Vianna, distinguem-se *b* e *v*. No Porto e provavelmente em toda a região circumvisinha trocam-se estas letras (como o

(1) Leia-se Gonçalves Vianna — *Ess. de phonétique — Romania*, XII, J. Cornu — apud. GRÖBER — *Grundriss der rom. Phil.*, d'onde se tiraram estas observações. Nem sempre são applicaveis ao Brasil e nem (em alguns casos) a Portugal. Veja-se a nota 167 da minha *Selecta Classica* sobre as contracções para *quê*, etc.

v e *w* em Londres). Para as duas predomina o *b* em Traz os Montes.

— O *λ*, em Entre-Douro, Minho, Beira, quando concorrem dous *a*, ha intercalação de um *y*: *a-y-agua*, *aquella-y-agua*.

— Em todo Portugal, o povo omitta na pronuncia o *e* depois do *ll*: *folll'*, *moll'*, *pell'*; e ao mesmo tempo augmenta de um *i* ao *l* final simples: *sule*, *vile*, *papéle*, *arrátele*, *amávele*. (Vide J. Cornu, *apud*. Gröber — *Op. c.*, 778.)

— No Alemtejo e Algarve mudam o diphthongo *eu* em *ei* frequentemente: *mei pae*.

— Os da Madeira intercalam *a* antes das terminações: *ôo*, *ôa*: *baôa*, *maôo* (*boa*, *mão*).

No Brasil os vicios mais communs são: o valor *s=z* do *s* final que não sôa como *x* em Portugal (*armas* e não *armax*); mais de um accento em cada palavra: *pápél*, *pápélão*, *ci-dáde*, etc.; a suppressão (plebeísmo) do *r* final: *prazê*, *ficá*, *andá*, sendo que entre os mesmos letrados, tanto o *r* como o *l* fínaes não se pronunciam com a prolação que têm (*amír*, por *amarê*; *sól*, por *solê*); a vocalização do *lh* em *i*, plebeísmo sobretudo do norte (*bacaiáo*, *mio*, *páia*); a accentuação das vogaes entre paulistas sertanejos: *está cidade*; pronuncia quasi accentuada dos pronomes atonos: *me*, *te*, *lhe*, *se*: *mi faça*, *mi dê*; perfeita indifferença pela *quantidade* das syllabas, pois quasi se não distinguem longas e breves. E outros vicios que não concernem á prosodia.

Muitas das singularidades da prosodia brasileira (exceptuados os plebeísmos de origem americana ou africana) representam a pronuncia archaica dos seculos XV e XVI qual se entrevê nos escriptores e poetas portuguezes: por exemplo, a *rima* de *mãe* e *tambem*, que é moderna, não era dos antigos classicos, e não é toleravel no Brasil.

O VOCABULO

Comprehende: 1º, o estudo da classificação (*Taxinomia*); 2º, o estudo das formas e variações de forma (*Morphologia*)

O vocabulo existe naturalmente na phrase. E' de mera conveniencia do estudo separar os vocabulos para os estudar sob aspectos mais elementares de *classificação* e de *formação* (*taxinomia* e *morphologia*).



A CLASSIFICAÇÃO



I

Primeira Classe. — Substantivos e suas especies

A Taxinomia é a parte da grammatica que estabelece a classificação das palavras (1).

Classificar as palavras consiste em distribuir por classes ou grupos os vocabulos que têm entre si certos caracteres communs. Na boa classificação, a logica determina que se observe a subordinação dos caracteres; isto é, os *caracteres mais importantes* são os que devem servir de base á classificação. Por isso é que quasi todas as classificações em grammatica respeitam o mais importante dos caracteres ou attributos dos vocabulos: a idéa.

1. O processo de classificação pôde ser feito considerando-se qualquer attributo dos vocabulos.

Tomado por fundamento a *fôrma* historica dos vocabulos, estes se dividem em *primitivos* e *derivados*.

Primitivos são aquelles que se não originam de outros da mesma lingua: *trovão, livro*.

Derivados são os qua se formaram dos primitivos: *trovada, de trovão; livraria, de livro*.

Na pratica não convém levar ao exaggero o rigor d'este processo. Alguns nomes se tomam por derivados, embora tenham vindo do latim directamente, como *annual, pedreira*, que derivam de *annualis, petraria* e não de *anno e pedra*.

(1) Pôde parecer a muitos mal soante ou excentrico o vocabulo taxinomia. Improprio ou desnecessario é que não é. Basta a proposito lembrar que os grammaticos antigos classificavam os vocabulos em suas categorias logicas sob o titulo *Etymologia* (!) E será este menos hellenico que o outro?

2. Tomando por base de classificação a quantidade extensiva, os vocabulos são: *monosyllabos*, *dissyllabos*, *trisyllabos* e *polysyllabos*, conforme são de uma, duas, tres ou mais de tres syllabas. Ex.: *mar*, *pedra*, *soccorro*, *extraordinario*.

Este processo de classificação é puramente material e tem poucas applicações, fóra da orthographia e da prosodia.

3. Tomando por base as variações que se observam em muitos vocabulos, tambem é possível classifical-os em dous grandes grupos:

Palavras variaveis — são as que soffrem diversas variações na terminação, para exprimir o genero, o numero, o tempo, etc. Taes são os substantivos, artigos, pronomes e verbos. *Palavras invariaveis* — são aquellas cuja estrutura já-mais apparece modificada. Taes são os adverbios, as preposições, as interjeições e conjunções.

O caracter de *variabilidade* não é muito definido. Sabe-se que primitivamente os adverbios e preposições tinham variações de gráo, frequentissimas. Ainda temos varias palavras que representam vestigios curiosos do latim. A preposição *pro* tem o comparativo *prior* e o superlativo *primus*. A preposição *in* tem o comparativo *inter* e o superlativo *imus* ou *intimus*. Assim, as expressões vernaculas *em*, *entre*, *imo*, *intimo*, *primo*, etc., são verdadeiros vestigios de gráos, que sobreviveram no latim e nas linguas modernas. Os proprios adverbios em *mente* podem receber a flexão do adjectivo componentemente, quando este se torna superlativo: *certamente*, *certissimamente*, etc.

4. Tomando por base a comparação de vocabulos entre podemos classifical-os nos seguintes grupos:

Synonymos — são os que têm mais ou menos a mesma significação: *casa*, *mansão*, *lar*, *domicilio*. O estudo dos *synonymos* é de grande importancia para a analyse do pensamento e dos variados recursos da linguagem. *Antonymos* — são os que têm significados oppostos: *luz*, *trevas*; *riso*, *lagrimas* (1).

(1) Nota que me communica o douto philologo Firmino Costa:

“Entre os *antonymos* podemos incluir uma classe interessante de palavras, que exprimem as partes oppostas de uma mesma cousa, como: o *direito* e o *avesso* da chita; a *palma* e as *costas* da mão; a *flôr* e o *carnal* ou *carnaz* do couro; o *petto* e a

Os grammaticos que mais cultivam a mania de classificações ainda distinguem vamente os:

Homonymos — vocabulos semelhantes entre si: *bota*, calçado; *bota*, do verbo botar. Os **homonymos** são chamados *homographos* quando se escrevem com as mesmas letras, como no exemplo acima. São chamados *homophonos* quando apenas têm a mesma prosodia ou pronuncia: *cesta* e *sesta*. **Paronymos** — são palavras pouco differentes entre si: *relevar* *differir* e *deferir*.

Todas as classificações mencionadas, sem deixar de confessar que muitas d'ellas são inuteis e fastidiosas, são utilizadas frequentemente pelos grammaticos, e por isso aqui se mencionam nesta annotação; mas é certo que, com excepção de poucas, são inteiramente superfluas; em geral, são incompletas ou apenas applicaveis a fins restrictos e especiaes. O character ou attributo essencial de qualquer vocabulo é a idéa ou a significação. Analysando o lexico de qualquer lingua, acharemos palavras que indicam seres (*substantivos*), palavras que indicam os factos, as acções (*verbos*), etc. E' este o processo mais geralmente adoptado na *taxinomia* ou classificação grammatical, e é essa discriminação a que mais aproveita aos estudos grammaticaes.

Substantivo — é a palavra que indica um ser, seja cousa, pessoa ou animal. Ex.: *preguiça*, *Julio*, *avestruz*.

Tudo o que existe na natureza ou no entendimento é substantivo: *flôr*, *gloria*. A noção de *ser* ou *substantivo* só pôde resultar do exame das qualidades que são representadas pelos

planta do pé; o *castão* e a *ponteira* da bengala; o *gargalo* e o *fundo* da garrafa; a *cabeça* e a *ponta* ou *bico*, do alfinete; a *nascente* e a *foz* do rio; o *anverso* ou *face* e o *reverso* da medalha; o *côrte*, *fio* ou *gume* e a *cota* da faca.

Na sua *Gramm.*, o autor aponta liberalmente varios exemplos. Entre elles, por mais significativos citamos: *lume*, flôr d'agua é *fundo*; *rosto* e *sola* do sapato; *proa* e *popa* da embarcação; *macho* e *femea* da dobradiça (e outros ferros) *lume* e *ago* do espelho.

qualificativos. Assim, todo o substantivo representa uma synthese de attributos (*flôr*), ou um mesmo attributo (*brancura, belleza, etc.*).

1. Os substantivos dividem-se em *abstractos* e *concretos*.

Abstractos — são os seres que só existem na imaginação, no pensamento do homem: *sciencia, medo*.

Concretos — são os seres que têm existencia supposta fóra do entendimento: *casa, pedra, rua, céo*.

Os *abstractos*, em grande numero, são por natureza do singular; mas é uma das bellezas da nossa lingua dar-lhes o plural; as *iras, as coleras, as esperanças*.

Se considerarmos a origem dos *abstractos* veremos que derivam de adjectivos (*brancura* de branco, *brevidade* de breve) de verbos (*viveres, haveres, nascença, progresso*) frequentes vezes.

2. Attendendo á extensão da idéa, veremos que há substantivos que se applicam a um só individuo, e outros que se applicam á classe inteira de individuos.

Nas linguas arianas só ha o *substantivo proprio*. Em outras linguas pôde haver adjectivos e verbos *proprios*, isto é, que só podem exprimir um acto individual ou uma qualidade de um só individuo. E' o que se dá nas linguas primitivas, no guaraní, por exemplo, em que existem designativos, que sómente podem ser usados pelas mulheres ou pelos homens exclusivamente.

O substantivo proprio — é aquelle que designa individualmente cousa ou pessoa (ou animal), distinguindo-a de todas as outras da mesma especie: *Antonio, Rossinante, Paris, Bahia*.

Quanto aos nomes de pessoas convém distinguir o *pre-nome* e o *cognome*. O *pre-nome* é o primeiro nome ou nome da *pia*: João, Pedro. O *cognome* é o nome de família: Souza, Azevedo. Na idade média era costume juntar ao prenome do indivíduo o nome paterno, o que deu origem aos nomes patronymicos: Rodríguez, dos Rodríguez; Fernadez, dos Fernandes. Os patronymicos tornaram-se, pois, verdadeiros cognomes.

No Brasil, no tempo da independência, muitos patriotas adoptaram cognomes derivados de palavras indigenas: Utin-guassú, etc.

Mas na maioria dos casos, permaneceram os cognomes portuguezes (1).

Os *proprios* escrevem-se com a inicial maiuscula. Muitos d'elles são *latinos*: Antonio, Bento, Benedicto, Pedro, Marco, Julio; são outros *gregos*: Ambrosio, André, Jeronymo, Dionysio e Diniz; ainda outros *hebraicos*: Adão, Eva, Jayme, João, Maria; *germanicos*: Frederico, Rodrigo, etc.; ou são *nomes communs*, sobretudo nos cognomes: Carvalho, Ferreira, Lobo, Leão, etc.

E' frequente a contracção, como em Vaz (Vasco), Ruy (Rodrigo), Men (Mendo), Fernão (Fernando). A's vezes a contracção apparece em compostos: Monsanto (monte), FONSECA (fonte), Castelvedro.

De *nomes e cognomes* fizeram-se nomes de familia ou patronymicos com um genitivo de origem germanica em *ez* ou *is*, ou *es*: Lopez, filho de Lopo; Martinz (Martinez), filho de Martinho; Perez, filho de Pero; Ennez e Eannez, de João. Pensam outros que os patronymicos se originam de ablativos do plural latinos: Pelagiis, de Pelagiis = Paez.

Os antigos *cognomes* de homens celebres passam frequentemente a *prenomes* na posteridade: Virgilio, Cicero, Horacio, Tasso, Lamartine, são hoje prenomes.

O substantivo commum é o que designa qualquer ser de uma especie ou de um genero. E' o substantivo que convém a muitas cousas, pessoas

(1) Muitas vezes o cognome de homem celebre se torna *pre-nome* para os seus posterios, e foi o que succedeu a Virgilio (Publio), Cicero (Marco Tullio), Cesar (Julio), Pompeu (Cueo), Mario (Calo), cujos cognomes são hoje verdadeiros *prenomes*.

ou animaes: *rio, homem, pastor, cão*. Tambem se chama APPELLATIVO.

Todos os nomes abstractos são *appellativos*, ou *communis*. A razão é que o abstracto nunca representa um individuo determinado, e por isso não póde ser nome proprio.

Collectivos são os substantivos *communis* que indicam collecção ou aggregado de seres: *laranjal, tropa, assembléa, familia, clero*.

Os collectivos são *determinados*, quando exprimem numero positivo: *milhão, duzia, groza*. Indeterminados dizem-se quando não designam o numero exacto da collecção: *confraria, clero*. Muitas vezes a *indeterminação* só existe na intenção da phrase. Ex.: "*mil vezes*" em vez de *muitas vezes*. "*Dizer tres palavras*". Inversamente, a determinação do numero ás vezes desaparece, como succedeu ao termo *corja*, que designava vinte; *ponche*, que designava cinco (ingredientes) (1).

Na classificação de substantivos, alguns fazem excessiva e inutil distincção entre os que têm existencia real, como *flór, rosa*, e os *ficticios*, que têm existencia objectiva imaginaria: *mãe d'agua, lobis-homem*, etc.; e os nomes de *materia*: ouro, ferro, leite, agua. Esses nomes de *materia* recebem o plural excepcionalmente para indicar qualidades varias da substancia: os *assucares*, os *méis*, os *vinhos*, as *aguas* (mineraes ou outras em quantidade grande).

3. Os substantivos, segundo o gráo ou intensidade de significação: **Augmentativos** são os que exprimem o augmento material ou moral dos se-

(1) A palavra *corja* veio da India, e encontram-se nós classicos phrases como esta: *uma corja de sedas* (vinte peças). Quanto ao vocabulo *ponche*, é persico *panj* e corresponde a *penete* grego (cinco). Essa origem asiatica é incontestavel; mas já os gregos tinham uma taça *qintupla* de cinco bebidas misturadas — *pentaplóu* — citado em Atheneu.

res: *homemzarrão, mulherça*; Diminutivos são os que exprimem a diminuição material ou moral dos seres: *homemzinho, boletim (bulla), folhinha*. A diminuição na fôrma pôde traduzir a intensidade na idéa. Assim, *sósinho* não diminue, antes augmenta a idéa de só.

Os *augmentativos* exprimem, por ironia, a pequenez moral e a negação da idéa: *valentão*, etc. Esta translação para o opposto sentido chama-se *tendencia pejorativa*. Para conhecer a influencia das linguas romanicas na formação dos diminutivos, notemos que o suffixo castelhaano mais commum é *ito*, e é de etymo obscuro:

bonito	bom
mosquito	mosca
periquito	peruca

Os suffixos italianos são numerosissimos, e alguns se entreostram no portuguez:

eto	—	<i>libreto</i>	—	livro
	—	<i>quarteto</i>	—	quarto
	—	<i>soneto</i>	—	som
eta	—	<i>gazeta</i>	—	gaza (moeda)
	—	<i>careta</i>	—	cara

O diminutivo francez entre outros, tem o suffixo *on*, que se assemelha ao nosso augmentativo:

— *mignon* —

— Ha analogia entre o *diminutivo* e o genero *feminino*; por isso que têm em commum certos suffixos, *ino, ina, inha*. Alguns femininos são de facto diminutivos: gallo, gallinha; rei, rainha.

E é provavel que os diminutivos em *ito*, segundo seprehende de antigas inscripções, provenham de nomes de mulheres, como expressão de carinho.

— O uso de formar diminutivos analyticos com o adjectivo *pequeno* (pequena casa — czinha) era mais *extensivo*

no antigo portuguez onde se encontram exemplos como *pequena hora* (menos de uma hora), analogos aos do francez.

“Em pequena hora venceria os christãos”. (Coll. dos Nobres, *Port. Mon. Hist.*).

— Os diminutivos em *ejo* trazem sempre a idéa de menospreço: *logarejo*, *animalejo*.

Voltaremos a examinar a questão na parte da morphologia (1).

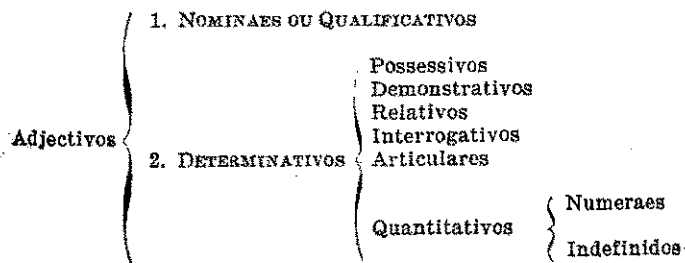
(1) Com agudeza nota Firmimo Costa que ha muitas phrases expressivamente formadas com *diminutivos*: Para cá vem de *carrinho*, fazer *fosquinhas*, ter *cabellino* na *venta*, cair como um *patinho*, estar de casa e *pucarinha*, com a *canninha* n'agua.

II

Segunda classe. Qualificativos

Qualificativo é a palavra que serve para qualificar os objectos. Qualificar, isto é, mostrar uma qualidade do objecto, ou descrevel-o: homem *bel-lo*; casa *grandiosa*.

Os adjectivos dividem-se, na commum opinião dos grammaticos, em duas grandes classes: nominaes (ou qualificativos) e pronominaes (ou determinativos).



Por este schema se vê que os *indefinidos*, embora não possam ser rigorosamente *determinativos*, exprimem uma determinação negativa: *nenhum, cada, todos*. Os *interrogativos* são determinados mais pela intenção de quem fala ou escreve e pela inflexão da voz, do que pela natureza do vocabulo.

Pensamos, todavia, que é visivelmente illogica a reunião dos *qualificativos* e *determinativos* no mesmo grupo com o nome geral de *adjectivos*.

Alguns grammaticos (p. ex. Nesfield) chamam PROPRIOS os adjectivos gentilicos: *francez*, *inglez*, de que trataremos adiante. A denominação é excellente porque facilita a inclusão dos que correspondem aos nomes proprios: *ciceroniano*, *hugoano*, *dantesco*, *camoniano*, etc.

O *qualificativo* é o que exprime a qualidade do objecto: *casa assoalhada*.

A função do qualificativo é mostrar como são os objectos: *grande*, *vermelho*, *pendente*, *luminoso*. Succede, no entanto, que o qualificativo muitas vezes exerce a função determinativa do objecto, distinguindo-o de outros: SÃO PEDRO, a BELLA Helena. Nestes casos vem ordinariamente anteposto. A collocação dos adjectivos não é arbitraria, como se ha de vêr na syntaxe.

Dos *qualificativos* existem varias fórmulas contraídas, que ainda se acham em uso. *Grão*, *bel*, *mal*, *recem*, *são*, *dom*. Ex.: *bel prazer*, *maicriação*, *malgrado*, *São Pedro*, *Dom João*. São os que habitualmente precedem os nomes e em grande parte perdem a syllaba final em *t* ou *d* (*gran*, *grande*, *cem*, *cento*, *quam*, *quanto*, *mui muito*) (1).

A fórmula *São* precede os nomes que começam por vogal. Uso classico, entretanto, é dizer-se *Santo Thomaz*, *Santo Thyroso*, *Santo Christo* e *Santo Thomé*.

Aquella categoria pertencem *frei* por *freire* (Fr. Luis), *mano* por *ermano*, irmão; *recem* em vez de recente e recentemente (adverbio); *cem* por cento, que é usado junto d'outro *adjectivo* numeral (excepto antes do numeral substantivo: *cem mil*, *cem milhões*, etc., *cento* e vinte, quatro *centos*); *beta* em

(1) D'estas fórmulas *contractas*, escrevi na minha *Selecta Classica* (annotações n. 58 e 143).

vez de *ribeira* (substantivo), e *fundo* em vez de *profundo*, que eram as palavras originaes. *Grão* é dos dous generos:

Assi que ó Rei se minha *grão* verdade,
Tens por qual é.

Lus. VIII, 75

Locuções adjectivas são qualificativos expressos analyticamente por duas ou tres palavras:

Quarto DE DORMIR
Mesa DE MARMORE
Véla DE CERA
Navio DE VÉLA
Navio DE VAPOR (2)
Animal DE DOUS PÉS

Estas *locuções* se chamam adjectivas, porque mais ou menos podem ser substituidas por um qualificativo (*mesa marmorea*, animal *bipede*), ainda que com alguma differença de sentido (conforme se acha explicado na minha *Selecta Classica*, ann. 97).

(2) Haverá necessidade de naturalizar os gallicismos; navio a vela, navio a vapor? *Navio de vela* é como se diz; e quanto ao segundo basta a expressão usual; *vapor*,

III

Terceira Classe. Determinativos

Determinativos são os que marcam a referência dos nomes sem indicar nenhuma qualidade. Também se chamam PRONOMNAES, na maioria dos casos.

Em verdade, os adjectivos determinativos são, em muitos casos, adjectivos e pronomes. A discriminação de funcções é apenas apreciavel no texto da phrase. A distincção consiste em que o *adjectivo* vem junto ao substantivo, e o *pronome* vem desacompanhado. Assim, nas phrases: "*Que* cousa? — *Meu* tio", as partes *que* e *meu*, são adjectivos. Nest'outra phrase: "*O chapéo que* achaste é *meu*", os termos *que* e *meu* são verdadeiros *pronomes*. Pelas mesmas razões, na phrase: "*Os soldados são sete*", a palavra *sete* porque não haveria de ser ahí considerada um pronome? Para evitar semelhantes confusões é que nos pareceu judicioso só considerar pronomes os *personaes*, deixando á margem as variações que só dependem do emprego e uso das palavras. Também *verbos*, *adverbios* podem ser empregados como substantivos e nem com isso se auctoriza uma nova classificação d'essas palavras (1).

(1) Desde muito tempo, desde as primeiras edições desta *Gramm.* superior e da elementar sustento essa doutrina de que a distincção de determinativos adjectivos e pronomes é puramente arbitraria, e depende apenas do phenomeno syntactico na composição da phrase. Muito me desvaneceu verificar que posteriormente Nesfield, autor de uma das melhores grammaticas inglezas, é de opinião igual a minha e que desenvolveu apreciando as conclusões da de *Joint Committee on grammatical terminology* que trabalhou pela uniformidade das classificações das palavras e das phrases (ou *analyses*) nas linguas cultas ensinadas na Inglaterra.